

A SEXUALIDADE COMO TEMA TABU e os desafios do trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental

*NEIDE MARIA DE FRANÇA FILHA
ILMA SOCORRO GONÇALVES VIEIRA*



Ilustrações: Amilton Silva

**A SEXUALIDADE COMO TEMA TABU
e os desafios do trabalho docente nos anos
iniciais do Ensino Fundamental**

*NEIDE MARIA DE FRANÇA FILHA
ILMA SOCORRO GONÇALVES VIEIRA*



Ilustrações: Amilton Silva

2021 - Neide Maria de França Filha e Ilma Socorro Gonçalves Vieira

Direitos em Língua Portuguesa para o Brasil.

Ilustrações: Amilton Silva

Revisão e Diagramação: Paula Isaias Campos Antoniassi e Vanessa Wendhausen
Lima - @hojetemaula

FILHA, Neide Maria de França e VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves
A sexualidade como tema tabu e os desafios do trabalho docente nos anos iniciais do
Ensino Fundamental – 1. Ed. Goiânia, 2021.

1. Ensino Fundamental. 2. Sexualidade. 3. Escola

COLABORADORES

Aldimária Gentil Ramalho Soares	Kátia de Araújo Rocha
Ana Beatriz R. de Jesus Silva	Kauã Santos Souza
Ana Rita Ferreira dos Anjos	Kelloraine Pereira Caetano
Anair Maria de P. Barbosa	Leonardo Teixeira Dias
Andreia Pereira da Silva	Lucas Gabriel F. Araújo
Ângela Maria Rodrigues de Sá	Luiz André Vieira Couto
Bryan Nunes da Silva	Luiz Augusto Tavares de LimaMaria
Carlos Eduardo Matias de Castro	Cristina da S. Costa
Carolina Nogueira Rodrigues	Maria Eduarda S. Nascimento
Carolina Sofia Gama de S.	Maria Vitoria P. da Silva
Davi Gomes da Silva Faria	Marilei Carvalho Borges
Davi Lucas S. Lima	Nickolas Gabryel Soares Ferreira
Eduardo Sousa Gomes	Pábola Raiane Q. Correia
Eric Silva Marchette	Rebecca Oliveira da Silva
Ericka das D. Costa Santos	Ronildo Araújo de Brito
Flávia Silva Oliveira	Samuel Henrique R. Santos
Francisca de Jesus Pais	Silvia Rosa Freitas
Francisco Eric dos S. Costa	Sônia Alves de Sousa Gomide
Gustavo Tavares Costa	Sônia Francisco Matos
Henrique Alves Sobrinho	Vanessa Cardoso de S. Ferreira
Isadora Ribeiro S.	Vânia Regina Silva Oliveira
Isaias Felipe de S. Araújo	Viviane Sousa Baião
Jhenyfer Karem S. Santos	Yude Gabriel Leite dos Santos
Josué Rodrigo Jemenes Damazio	

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui.[...] Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

(FREIRE, 1987, p.44; 62)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
PRIMEIRO ENCONTRO COM OS PROFESSORES – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA. 10	
APRESENTAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE SEXUALIDADE	25
SEGUNDO ENCONTRO COM OS PROFESSORES - LEITURA E DISCUSSÃO – TEXTO ORIENTAÇÃO SEXUAL	27
TERCEIRO ENCONTRO COM OS PROFESSORES - RELATOS SOBRE O VÍDEO “MINHA VIDA DE JOÃO” E “ERA UMA VEZ OUTRA MARIA”	34
QUARTO ENCONTRO COM OS PROFESSORES	39
PRIMEIRO ENCONTRO COM OS ALUNOS/AS – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	46
SEGUNDO ENCONTRO COM OS ALUNOS/AS – PROGRAMAS TELEVISIVOS	49
BRINCADEIRA DE CRIANÇA	55
RESPEITANDO AS DIFERENÇAS	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

PREFÁCIO

Este livro é resultado de uma pesquisa de pós-graduação, na modalidade Mestrado Profissional, realizada por meio do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-Cepae/UFG). Além de atender parte dos requisitos necessários para a conclusão do curso, como produto educacional da pesquisa, esta produção traz o intuito de compartilhar as experiências desenvolvidas na escola campo, baseadas em debates realizados com alunos e professores, acerca da temática “sexualidade”. O livro tem, ainda, o intento de provocar reflexão crítica, sobretudo por parte dos educadores, quanto à necessidade de se considerar a abordagem dessa temática como indispensável na formação dos indivíduos.

Intitulada “A sexualidade como tema tabu e os desafios do trabalho docente na primeira fase do Ensino Fundamental”, a pesquisa teve como campo de investigação a Escola Municipal Maria Gomes da Silva, da Rede Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia, e como participantes os professores e os alunos das turmas do 5º ano do Ensino Fundamental do turno matutino. Baseou-se nos relatos, questionamentos, apreensões, anseios, dificuldades, entre outros, apresentados pelos participantes, durante os encontros realizados com a pesquisadora.

O ponto de partida da pesquisa foi o entendimento de que compreender a sexualidade, seja no campo da História, da Antropologia ou da Sociologia, é muito importante, quando se tem como referência uma perspectiva de educação humanizadora. Nesse sentido, perceber como é trabalhada e assistida a sexualidade dos alunos dentro da escola fez o diferencial na idealização e elaboração deste livro, uma vez que, o cotidiano observado permitiu ampliar as noções em relação às perspectivas dos adultos, sejam pais ou educadores, e em relação ao que as crianças apresentam, tanto como conhecimentos acerca da sexualidade quanto como demandas a serem consideradas no processo educativo.

As discussões e reflexões aqui apresentadas procuram contemplar, sem hierarquia, as vozes de alunos e de professores, e ficarão disponíveis na biblioteca da escola campo da pesquisa, na perspectiva de contribuírem para que professores reflitam

sobre sua prática e busquem alternativas para intervir, de maneira produtiva, nas inúmeras situações relacionadas à sexualidade, que surgem no ambiente escolar.

Pode-se esperar que a leitura do livro venha a provocar reflexões capazes de impactar nas experiências futuras dos profissionais da escola campo da pesquisa e de outros que vierem a ter acesso ao conteúdo nele apresentado. Ainda assim, é reconhecível que essa leitura não substitui a formação continuada necessária para que a abordagem da sexualidade na escola ocorra de forma consciente e produtiva. Tampouco ela substitui o olhar atencioso que os profissionais da educação devem procurar desenvolver para assistir os alunos em seus processos de formação.

Conforme identificado na pesquisa de campo, muitos são os tabus que preenchem as rodas de conversas entre meninos e meninas, entre meninas e meninas ou entre meninos e meninos, em relação à sexualidade. Em geral, as referências trazidas por esses sujeitos a respeito da temática são insuficientes para a construção de uma consciência capaz de contribuir para a formação das crianças e dos adolescentes. Por isso é importante investir no diálogo, com o objetivo de auxiliar na superação das dúvidas e dos conflitos que, por vezes, se manifestam entre crianças e entre adolescentes, no que tange a sexualidade. Observar aquilo que o aluno conhece e traz consigo é, nesse sentido, muito oportuno para a construção desse diálogo, que poderá até ser confidencial, por parte dos alunos. Enfim, criar relações que favoreçam a confiança da criança ou do adolescente em referência ao professor é um princípio fundamental para uma educação relacionada à sexualidade.

É importante também não ignorar que professores têm tido certo receio em falar sobre essa temática, mas o que não se pode perder de vista é que a falta de informações ou informações deturpadas poderão contribuir para um enfrentamento ainda maior de problemas relacionados à sexualidade. Por isso, esse diálogo não deve se restringir a um componente curricular específico, mas permear todos eles e ser pensado para além deles, já que o cotidiano escolar é dinâmico e as diversas questões que dizem respeito à vida se manifestam, independentemente, dos conteúdos curriculares previstos.

Não é, portanto, mencionada, neste livro, nenhuma metodologia ou sequência didática para subsidiar qualquer situação escolar, serão apenas apresentados alguns diálogos e algumas reflexões despretensiosas, que talvez colaborem para outras reflexões.

Não poderíamos deixar de mencionar aqui a gratidão aos nobres professores e alunos da Escola Municipal Maria Gomes da Silva, pela importante parceria no desenvolvimento da pesquisa que resultou neste produto educacional.



PRIMEIRO ENCONTRO COM OS PROFESSORES – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



Na abordagem de nosso primeiro encontro, falamos aos participantes convidados sobre a importância de uma pesquisa a nível de mestrado e sobre a importância de pesquisar a temática sexualidade, para nós enquanto pesquisadoras, pois a importância de estar pesquisando um tema com essa relevância era algo desafiador, a atual conjuntura política era totalmente contrária a tudo isso. Dissemos a eles/as que aquele recinto tinha sido contemplado para ser um campo de pesquisa. Dessa forma, exibimos como iria prosseguir a pesquisa e se todos/as ali presentes poderiam fazer parte dessa investigação como participantes da pesquisa,

não houve nenhuma objeção e, assim, sentimo-nos muito confortáveis para darmos início ao trabalho. Não poderíamos deixar de dizer a eles/as sobre a importância e valoração que teriam nossas conversas nesses momentos de estudos e análises, pois cada detalhe registrado valeria muito e que a presença e disposição deles/as em fazerem parte dessa investigação era algo indispensável. Assim acordamos (definimos) os dias e o tempo necessário para estes encontros.

Com essa perspectiva, demos início à apresentação do projeto de pesquisa que se iniciaria a partir do primeiro encontro, dentro do recinto escolar, como já havíamos nos apresentado verbalmente e exposto sobre nossos interesses, começamos então a demonstrar a proposta de trabalho por meio de projeções de slides e as fichas de pesquisa que continham o passo a passo do trabalho que seria realizado.

Mas, como dar início a essa pesquisa com uma temática complexa, que posteriormente se tornaria este objeto físico que temos em mãos? Para isso, convidamos os professores a apreciar a leitura do conto “Pele de Asno”, com o objetivo de promover uma discussão e reflexão em referência ao conto como uma atividade de “quebra de gelo”. Esse conto traria uma possível discussão aos assuntos pertencentes aos temas “tabus”, sendo ele o incesto. Nesse sentido, foi feita a leitura e problematização do conto “Pele de Asno”.

No decurso desse momento, aproveitamos para perguntar às/aos professores/as sobre a relevância de se analisar o tema, sexualidade, a pergunta tinha como finalidade observar suas opiniões a respeito dessa temática e as dificuldades mais presentes na colocação desse assunto dentro da escola.

Apreciemos então o conto:

Pele de asno

(PERRAUT, 2010)

***E**ra uma vez o rei mais poderoso que já houve na terra. Amável na paz, terrível na guerra, não havia outro que se comparasse a ele. Seus vizinhos o temiam, seus súditos eram felizes. Em seu reino, à sombra de suas vitórias, as virtudes e as belas-artes por toda parte floresciam. A esposa que escolhera, sua fiel companheira, era tão encantadora e tão bela, de índole tão serena e tão doce, que ser o esposo dela o fazia ainda mais feliz do que ser rei. Do terno e casto enlace desse casal, que foi pleno de afeição e contentamento, nasceu uma menina. Eram tantas e tais as suas virtudes que o rei e a rainha logo se consolaram por não ter mais filhos.*

No vasto e rico palácio desse rei, tudo era suntuoso. Por toda parte formigava uma profusão de cortesãos e camareiros. Os estábulos abrigavam cavalos grandes e pequenos de toda sorte, cobertos com ricos arreios ornados de ouro e bordados. Mas o que surpreendia a todos que neles entravam era que, no lugar de mais destaque, um grande asno exibía suas enormes orelhas. Essa esquisitice pode surpreender, mas, uma vez conhecendo as virtudes superlativas do animal, já ninguém pensava que a honra era

excessiva. Pois esse asno, a natureza o formara de tal maneira e tão imaculado, que, em vez de esterco, produzia belos escudos e luízes de ouro, que rutilavam ao sol e que, toda manhã, ao seu despertar, em sua baía iam recolher.

Ora, o céu, que por vezes se cansa de deixar as pessoas só contentes, sempre à sua felicidade mistura alguma desgraça, como a chuva ao bom tempo, permitiu que uma doença grave assaltasse de repente a saúde da rainha. Buscou-se socorro em toda parte, mas nem os doutores com seu grego, nem os charlatães reputados, nem eles todos juntos, conseguiram extinguir o incêndio que a febre, cada vez mais alta, acendia.

Chegada à sua última hora, a rainha disse ao rei seu esposo: “Permita que antes de morrer eu lhe faça um pedido: se acaso desejar casar novamente quando eu já não estiver aqui...”

“Ah”, disse o rei, “essas inquietações são vãs, eu jamais pensaria nisso, fique tranquila.” “Eu acredito”, respondeu a rainha. “Seu amor ardoroso é prova disso. Para ter plena certeza, porém, quero seu juramento de que não se casará. Eu o atenuo, contudo, com essa ressalva: se encontrar uma mulher mais bela, mais perfeita e mais sábia do que eu, aí sim estará livre para empenhar sua palavra e desposá-la.”

Sua confiança em seus encantos era tal que a fazia tomar esse compromisso como uma promessa do rei de jamais se casar. Assim o rei jurou, os olhos banhados de lágrimas, tudo que a rainha desejou.

Ela morreu em seus braços e jamais um marido se entregou a tamanho desespero. Ao ouvi-lo soluçar dia e noite, pensou-se que seu luto não seria duradouro, e que ele chorava seu

amor perdido como um homem que deseja liquidar o assunto o quanto antes.

A impressão não foi equivocada. Ao cabo de alguns meses o rei se dispôs a fazer uma nova escolha. Mas não era coisa fácil, era preciso manter o juramento, e a nova noiva devia ter mais prendas e graça que aquela recentemente sepultada.

Nem na corte, fértil em belezas, nem no campo, nem na cidade, nem nos reinos das redondezas foi possível encontrar mulher assim. Somente a infanta era mais bela, e possuía certas sutis seduções de que a defunta carecera. O rei percebeu isso. E, inflamado por um amor extremo, acabou por meter na cabeça a ideia louca de que devia se casar com a filha. Encontrou até um casuista que julgou a pretensão procedente. Mas a princesa, desolada de ouvir falar em tal amor, consumia-se noite e dia a lamentar e chorar.

Com a alma transbordando de dor, ela foi à procura da sua madrinha. Esta morava longe, numa gruta solitária ricamente ornada de nácar e coral. Era uma fada admirável, cuja arte ninguém igualava. (Não preciso dizer o que era uma fada naqueles tempos de antanho – isso com certeza sua ama contou para você desde os seus mais verdes anos.)

“Sei o que a trouxe aqui”, disse a madrinha ao ver a princesa. “Sei da profunda tristeza que em seu coração se encerra. A meu lado, porém, não tem por que se inquietar. Nada lhe poderá fazer mal, contanto que siga meus conselhos. É verdade que seu pai quer desposá-la. Dar ouvidos a esse intento insensato seria um grande erro, mas você tem um meio de recusá-lo sem o contradizer. Diga-lhe que, antes que ao amor dele seu coração se entregue, há

um capricho que ele deve contentar: um vestido que seja da cor do tempo. Apesar de todo o seu poder e de toda a sua riqueza, por mais que o céu favoreça suas intenções, o rei jamais poderá cumprir essa promessa”.

A princesa foi ter com o pai sem demora e, trêmula de medo, formulou seu desejo. O rei, no mesmo instante, fez saber aos costureiros mais reputados que se não lhe fizessem, e rápido, um vestido da cor do tempo podiam estar certos de ir parar no cadafalso.

O segundo dia ainda não raiara quando levaram ao palácio o vestido desejado. O mais belo azul-celeste, mesmo quando está adornado por densas nuvens de ouro, não exibe cor mais opalina. Invadida pela alegria e pela dor, a infanta não soube o que dizer, nem como se furtar à palavra que empenhara. “Princesa, ” sussurrou-lhe a madrinha, “peça-lhe um mais brilhante e menos comum, um que seja da cor da lua. Isso ele não conseguirá. ”

Mal a princesa formulara seu pedido, o rei disse a seu bordador: “Que o astro da noite não tenha mais esplendor, e que me seja entregue em quatro dias sem falta. ”

O rico traje ficou pronto no dia marcado, tal como o rei especificara. Nem a lua, quando, em seu manto de prata, em meio à sua jornada sobre o tapete da noite, empalidece as estrelas com sua claridade mais viva, jamais teve tamanho fulgor.

A princesa, admirando esse traje deslumbrante, chegou quase a decidir dar seu consentimento. Mas, inspirada pela madrinha, disse ao rei apaixonado: “Só ficarei contente se tiver um vestido ainda mais brilhante e da cor do sol.”

O rei, que a amava de um amor desvairado, mandou vir imediatamente o rico lapidário e lhe ordenou que fizesse o vestido de um tecido magnífico de ouro e de diamantes, dizendo que, se não dessa conta da encomenda, o faria morrer em meio a mil tormentos.

O rei não precisou se dar ao trabalho, pois o hábil artesão lhe fez chegar a obra preciosa naquela semana mesmo. Tão belo, tão vivo, tão radioso, que mesmo o louro amante de Clímene, quando, em seu carro de ouro, percorre a abóbada celeste, não ofusca os olhos com mais brilhante clarão.

A infanta, por esses presentes ainda mais confundida, já não sabia o que responder ao rei seu pai. Mas depressa a madrinha a tomou pela mão: “Não hesite, ” disse-lhe ao pé do ouvido, “você está no bom caminho. Afinal, não são assim tão grandes prodígios todos esses presentes recebidos. Veja, o rei tem aquele asno que você sabe, não para de lhe encher as burras de escudos de ouro. Peça a ele a pele desse raro animal. Sendo ela a fonte de sua fortuna, ou muito me engano, ou isso você não terá. ”

Aquela fada era muito sábia, mas ainda não aprendera que o amor arrebatado ignora ouro e prata quando quer ser saciado. A pele foi pronta e galantemente concedida, mal a infanta a pediu. Quando recebeu a pele, a menina ficou aterrorizada e queixou-se amargamente de sua sorte. Sua madrinha apareceu e ponderou. “Quando fazemos o bem”, disse, “nunca devemos temer. ” A princesa deveria dar a entender ao rei que estava disposta àquele casamento. Ao mesmo tempo, porém, sozinha e bem disfarçada, deveria partir para alguma província distante para evitar um mal tão próximo e tão certo.

“Eis aqui”, continuou a madrinha, “um grande baú. Nele poremos todos os seus vestidos, seu espelho, artigos de toalete, seus diamantes e rubis. Dou-lhe ainda minha varinha. Se a segurar na mão, o baú a seguirá por onde você for, escondido embaixo da terra. E quando quiser abri-lo, tem apenas de tocar a terra com a varinha. No mesmo instante ele surgirá diante dos seus olhos. Para se tornar irreconhecível, a pele do asno será um disfarce perfeito. Esconda-se bem dentro dessa pele. É tão medonha que ninguém pensará que encerra nada de belo.”

Ao alvorecer, mal a princesa, assim travestida, deixara a casa da sábia madrinha, o rei, que se preparava para a festa de suas núpcias triunfais, ficou sabendo que todos os seus planos haviam malogrado. Não houve casa, caminho, avenida que não fosse prontamente revistado. Mas de nada valeu tanta agitação, ninguém podia adivinhar o que fora feito da princesa. Uma decepção triste e negra tomou conta de tudo. Não haveria mais casamento, nenhum festejo, nenhum bolo, nenhum doce. Muitas damas da corte, desencantadas, perderam o apetite e recusaram o jantar. Mais triste ainda ficou o padre, pois o prato da coleta voltou vazio e sua ceia foi servida tarde demais.

Enquanto isso a infanta seguia seu caminho, o rosto sujo de lama. Estendia a mão a todos os passantes, à procura de um lugar onde pudesse se empregar. Mas os menos delicados e os mais infelizes, vendo-a tão asquerosa e tão imunda, não queriam escutar, muito menos levar para casa uma criatura tão suja. Assim ela andou muito, e continuou andando, e andou mais ainda. Finalmente chegou a uma granja cuja dona precisava de uma

criada molambenta que soubesse somente lavar panos de chão e limpar o comedouro dos porcos.

Meteram-na num canto no fundo da cozinha onde os criados, essa cambada insolente, não faziam outra coisa senão zombar dela, importuná-la, arrelia-la. Pregavam-lhe as piores que, peças, provocando-a a troco de nada. Ela era o alvo de todas as suas brincadeiras e de todas as suas piadas.

Aos domingos, tinha um pouco mais de paz, pois, tendo dado conta de manhã de seus pequenos serviços, podia ficar no seu quarto. Ali, com a porta bem fechada, limpava-se, abria o baú e arrumava seus potinhos com esmero sobre a mesa. Diante de seu grande espelho, alegre e satisfeita, vestia ora o vestido da lua, ora aquele em que o fogo do sol refulgia, ora o belo vestido azul que todo o azul do céu não podia igualar. Uma única coisa a entristecia, é que no assoalho tão estreito a cauda de seus vestidos não podia se espalhar. Gostava de ser jovem, rubra e branca, cem vezes mais elegante que qualquer outra. Esse doce prazer a sustentava e a levava até o outro domingo.

Ia me esquecendo de dizer que nessa granja eram criadas as aves de um rei magnífico e poderoso. Ali galinhas-d'angola, codornas, perdizes, galinhas-d'água, biquás, patos e mil outras aves das mais diferentes feições podiam encher nada menos que dez pátios inteiros.

O filho do rei costumava passar por esse lugar aprazível quando voltava da caça, para ali repousar, tomar uma bebida gelada com os senhores de sua corte. Nem o belo Céfalos o superava! Tinha um porte real, uma fisionomia marcial apta a fazer tremer os mais orgulhosos batalhões. Avistando-o muito de

longe, Pele de Asno se enterneceu, e essa audácia a fez ver que, sob a sua sujeira e seus trapos, ainda guardava o coração de uma princesa. “Que ar imponente ele tem, ainda que não seja afetado. Como é amável”, pensou ela, “e como é feliz aquela a quem entregou seu coração! Se ele tivesse me honrado com um vestidinho à toa, eu estaria mais linda que com todos esses que tenho. ”

Um dia o jovem príncipe, perambulando a esmo de um quintal a outro, passou pelo corredor escuro onde Pele de Asno tinha seu humilde quartinho. Por acaso, pôs o olho no buraco da fechadura. Sendo aquele um dia feriado, ela se adornara com um rico traje, e seu soberbo vestido, tecido de ouro fino e incrustado de grandes diamantes, luzia mais que o sol em seu zênite. Contemplando-a, o príncipe ficou à mercê de seus desejos e tal foi seu alumbramento que mal conseguia recobrar o fôlego ao olhá-la. Era belo o vestido, mas a beleza do rosto, seu contorno puro, sua brancura impecável, seus traços finos, seu jovem frescor, o deixaram cem vezes mais arrebatado. Mas um certo ar de grandeza, mais ainda, um prudente e modesto recato, testemunhas seguras da beleza de sua alma, apoderaram-se de todo o seu coração.

Três vezes, no calor do fogo que o transportava, ele quis arrombar a porta. Mas, acreditando estar diante de uma divindade, três vezes seu braço foi detido pelo respeito.

No palácio, isolou-se, pensativo; dia e noite, só fazia suspirar. Não queria mais ir ao baile, embora fosse carnaval. Detestava a caça, detestava o teatro, não tinha mais apetite, tudo o desgostava. E o fundo de sua doença era um triste e mortal langor.

Procurou saber quem era aquela ninfa admirável que morava junto a um quintal no fundo de um corredor pavoroso, onde nada se enxergava em pleno dia. “É Pele de Asno, ” disseram-lhe, “que de ninfa e de bela nada tem. Chamam-na assim por causa da pele que põe nos ombros. É um verdadeiro antídoto para o amor. Em uma palavra, o animal mais feio que se possa ver depois do lobo. ” Por mais que falassem, o príncipe não podia acreditar. Os traços que o amor riscara, sempre presentes em sua memória, nunca seriam apagados.

Nesse meio-tempo, a rainha sua mãe, que só tinha esse filho, chorava e se desesperava. Tentou forçá-lo a dizer qual era o seu mal. Ele gemeu, chorou, suspirou e nada disse. Disse apenas que desejava que Pele de Asno lhe fizesse um bolo com as próprias mãos. A mãe não entendeu o que o filho queria dizer. “Ora, Madame! ” Lhe disseram. “Essa Pele de Asno é uma toupeira preta ainda mais sórdida e mais porca que o mais sujo desgraçado. ” “Não importa”, disse a rainha, “é preciso satisfazê-lo, e é só nisso que devemos pensar. ” Era tal o amor dessa mãe pelo filho que, tivesse ele pedido ouro para comer, teria recebido.

Assim, Pele de Asno pegou sua farinha, que havia mandado peneirar na véspera especialmente para tornar sua massa mais fina, seu sal, sua manteiga e seus ovos frescos. Para melhor fazer o bolo, foi se fechar em seu quartinho. Primeiro lavou as mãos, os braços e o rosto. Para tornar digno o seu trabalho, pegou um corpete de prata, atou-o logo e começou.

Dizem trabalhando um pouco afobada, deixou cair na massa, sem perceber, um de seus valiosos anéis. Mas os que afirmam saber o fim desta história garantem que foi de propósito que o anel

foi deixado na massa. Palavra que, de minha parte, posso acreditar nisso perfeitamente. É que estou convencido de que, quando o príncipe a espiou pelo buraco da fechadura, ela soube muito bem o que estava acontecendo. Nesse ponto a mulher é tão esperta e seu olho tão rápido que não a podemos olhar um só momento sem que ela saiba que está sendo olhada. Tenho toda a certeza, posso até jurar, que ela sabia que o anel seria muito bem-recebido por seu jovem amante.

Jamais se assou bolo tão apetitoso, e o príncipe o achou tão bom que, na sua gulodice, por um triz não comeu o anel também. Quando viu a esmeralda admirável e o círculo estreito do aro de ouro, que marcava a forma do dedo, a alegria invadiu seu coração. Guardou-o na sua cabeceira. Mas seu mal ia sempre aumentando, e os médicos, com seu douto saber, vendo-o emagrecer a cada dia, juraram por sua grande ciência que ele estava doente de amor.

Como o casamento, por mais que o censurem, é um remédio notável para essa doença, decidiram casar o príncipe. A princípio, ele resistiu, depois disse: “Concordo, desde que me deem em casamento a pessoa em quem este anel servirá.” O rei e a rainha ficaram muito espantados com pedido tão esquisito, mas o estado do príncipe era tão grave que não ousaram dizer não.

E começou a procura daquela que o anel, fosse qual fosse a cor do seu sangue, deveria elevar a tão alta posição. As mulheres correram todas para apresentar seu dedo; ninguém queria perder a vez nem abrir mão do seu direito. Tendo corrido o rumor de que para pretender ao príncipe era preciso ter o dedo bem fino, foi a vez dos charlatães alardearem que os sabiam afinar. Uma mulher,

seguindo um louco capricho, raspou o dedo como uma beterraba. Outra aparou-lhe um pedacinho. Uma outra acreditou que o melhor era apertar. E outra ainda, para torná-lo mais magro, usou uma poção que o fazia descamar. Não houve enfim estratégia a que as mulheres não recorressem para fazer o dedo se ajustar ao anel.

A prova começou com jovens princesas, as marquesas e as duquesas. Mas seus dedos, embora delicados, eram grossos demais e não entravam no anel. As condessas e as baronesas, e todas as nobres do reino, também vieram, uma a uma, se apresentar. Mais uma vez, tudo em vão.

Depois vieram as mocinhas do povo, muitas delas bem bonitas, em cujos dedinhos roliços o anel às vezes parecia servir. Mas não, era sempre pequeno demais, ou redondo demais, e rejeitava a todas com o mesmo desdém.

Finalmente foi preciso submeter à prova as criadas, as cozinheiras, as copeiras, as camponesas, numa palavra toda a arraia-miúda, cujas mãos vermelhas e escuras vinham tão cheias de esperança quanto as mãos delicadas. Muita moça se apresentou cujo dedo, gordo e empelotado, se enfiava no anel tão bem quanto uma corda no orifício de uma agulha.

Pensou-se então que a prova terminara, pois de fato só restava a pobre Pele de Asno no fundo da cozinha.

Mas quem poderia acreditar que aquela moça se destinava a ser rainha? O príncipe disse: “E por que não? Tragam-na aqui”. Todos riram, e exclamaram em voz alta: “Que pretende ele fazendo entrar aqui esse estupor?” Mas quando ela tirou dos ombros sua pele negra, e estendeu uma mãozinha que parecia de um marfim com um pouco de púrpura matizado, e o anel ajustou-

se perfeitamente a seu dedinho, o pasmo e o assombro da corte desafiavam a descrição.

Nesse arroubo, quizeram levá-la ao rei. Ela pediu, contudo, que, antes de comparecer perante seu amo e senhor, lhe permitissem trocar de roupa. Da roupa que usava, verdade seja dita, estavam todos zombando. Mas dali a pouco Pele de Asno, suntuosamente trajada, chegou aos reais aposentos e atravessou as salas, exibindo ricas belezas jamais iguais. Seu cabelo louro e sedoso era realçado por diamantes resplandecentes. Seus olhos azuis, grandes e doces, plenos de uma orgulhosa majestade, não fitavam nunca sem encantar. Seu talhe, enfim, era tão delgado e fino que com duas mãos era possível envolvê-la. Ante tamanho encanto e sua graça divina, as damas da corte, eclipsadas, viram perder o fulgor todos os seus ornamentos.

Em meio à alegria e ao alarido de toda aquela gente reunida, o bom rei não cabia em si de contente ao ver toda a beleza que a nora possuía. A rainha também estava maravilhada, e o príncipe, seu querido amante, a alma sufocada de prazer, sucumbia ao peso de seu arrebatamento.

Logo foram tomadas as providências para o casamento. O monarca convidou para a festa todos os reis das cercanias, que, engalanados com as mais brilhantes vestimentas, deixaram seus Estados para participar das bodas. Chegaram reis das regiões da aurora, montados em grandes elefantes. Das bandas mouras vieram outros que, mais negros e ainda mais feios, assustavam as criancinhas. Enfim, a corte ficou repleta de soberanos de todos os rincões do mundo.

Nenhum rei, porém, nenhum potentado, apareceu com tanta magnificência quanto o pai da noiva. Por ela outrora apaixonado, ele com o tempo purgara o ardor que lhe consumia o coração. Dele banira todo desejo criminoso, e, daquela chama odiosa, o pouco que restava em sua alma vinha apenas avivar seu amor paterno. Ao vê-la, exclamou: “Bendito seja o céu que permitiu que eu a reveja, minha querida filha!” E, chorando de alegria, correu para abraçá-la ternamente. Quanto ao príncipe, ficou encantado por saber que seria genro de um rei tão poderoso.

Naquele instante chegou a madrinha, que contou como tudo tinha se passado e, com seu relato, acabou de cumular Pele de Asno de glória.

O objetivo de trazer esse conto para a primeira discussão com o grupo dos participantes da pesquisa se deu pelo fato de identificarmos nele uma problemática que pouco é falada e discutida no meio social, uma vez que “Pele de Asno”, de Charles Perrault, apresenta uma relação incestuosa em que é observada toda a obstinação do pai em querer casar-se com a filha. Ressaltamos, no entanto, que a ideia de uma relação sexual entre pai e filha não é bem-vista na sociedade ocidental.

Prosseguindo com a leitura, após o término dela, indagamos aos professores sobre quem conhecia a história. Todos/as disseram que não tinham conhecimento dela. Quando pensamos em levar esse conto como quebra-gelo para este momento, achamos que grande parte dos participantes teriam o conhecimento dele, mas não foi assim. Avançamos perguntando: Quem trabalharia esse conto com seus/suas alunos/as? Eles/as foram unânimes em dizerem que jamais trabalhariam tal conto, pois um tema como esse daria muitos problemas com as famílias das crianças. Depois de muitos argumentos



fornecidos pelos professores, uma professora se manifestou ao contrário do que já havia abordado.

A professora Anita Garibaldi disse: “trabalharia sim, mas teria que haver um contexto, uma situação, até porque essa prática do incesto ocorre em partes do Nordeste brasileiro. Mas que para isso precisaria rever muito bem toda uma questão de planejamento e organização e até o repensar das palavras que seria utilizado (sic) em sala”.

A iniciativa de trazer um texto com essa abordagem foi apenas para entrarmos em um assunto que na maioria das vezes são tidos como melindrosos, assim logo após a discussão do texto relacionado ao incesto, tivemos uma noção do ambiente em que iríamos percorrer. Dessa forma procuramos estreitar e conduzir a discussão para o objeto de pesquisa, o estudo referente a sexualidade sendo ela vista pelos/a professores/as. Nesse ínterim, assim que, os professores/as foram se acalmando sobre a discussão anterior, pedimos a atenção deles/as para os conceitos que trouxemos sobre a sexualidade. Partimos então, para a leitura dos conceitos, sustentados por alguns autores sobre a sexualidade. Para que todos/as pudessem apreciar melhor a leitura e tivessem uma boa visualização utilizamos slides nessa apresentação.



APRESENTAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE SEXUALIDADE



sexualidade al. sexualität; esp. sexualidad; fr. sexualité; ing. sexuality. A ideia de sexualidade é de tamanha importância na doutrina psicanalítica que, com justa razão, pôde-se afirmar que todo o edifício freudiano assentava-se sobre ela. Como consequência, a ideia aceita de que os psicanalistas dariam uma significação sexual a qualquer ato da vida, a qualquer gesto, qualquer palavra, levou os adversários de Sigmund Freud a fazerem de sua doutrina a expressão de um pansexualismo¹. Na realidade, as coisas não são tão simples assim.

Todos os cientistas do fim do século XIX preocupavam-se com a questão da sexualidade, na qual viam uma determinação fundamental da atividade humana. Assim, faziam da sexualidade uma evidência e do fator sexual a causa primária da gênese dos sintomas neuróticos. Daí a criação da sexologia como ciência biológica e natural do comportamento sexual". (PLON, 1998, p. 704)*

A sexualidade é um dispositivo histórico, que com toda sua rede de discursos e práticas faz parte do aumento do controle dos indivíduos. (FOUCAULT, 1988, p. 87)

A sexualidade supõe mais do que corpos, nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres. (LOURO, 2000, p.209).

A relevância de apresentar o conceito de sexualidade aos professores/as é de suma importância nesse momento para compreendermos a dimensão da temática. Momentos estes em que podemos pensar na profundidade da essência do termo sexualidade a partir de alguns pensadores para que sejam desarticulados conceitos errôneos sobre a temática.

¹ • Sigmund Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ESB, VII, 129-237; GW, V, 29-145; SE, VII, 123-243; Paris, Gallimard, 1987 • Michel Foucault, *História da sexualidade*, vol.I, *A vontade de saber*, vol.II, *O uso dos prazeres*, vol.III, *O cuidado de si* (Paris, 1976-1984), Rio de Janeiro, Graal, 1985 • Frank J. Sulloway, *Freud, Biologist of the Mind*, N. York, Basic Books, 1979 • John Boswell, *Christianisme, tolérance sociale et homosexualité. Les Homosexuels en Europe occidentale des débuts de l'ère chrétienne au XIV^e siècle* (Chicago, 1980), Paris, Gallimard, 1985 • Jean-Louis Flandrin, *Le Sexe et l'Occident*, Paris, Seuil, 1981 • *Sexualités occidentales*, sob a direção de Philippe Ariès e André Béjin, Paris, Seuil, col. "Points", 1984 • Thomas Laqueur, *La Fabrique du sexe. Essai sur le genre et le corps en Occident* (1990), Paris, Gallimard, 1992 • Lynn Hunt, *Le Roman familial de la Révolution française* (Berkeley, 1992), Paris, Albin Michel, 1995 • Élisabeth Badinter, *XY: sobre a identidade masculina* (Paris, 1992), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, 2ª ed. • Sander L. Gilman, *The Case of Sigmund Freud. Medicine and Identity at the Fin de Siècle*, Baltimore, Londres, The Johns Hopkins University Press, 1993

O seguimento, o avançar em desenvolvimento do indivíduo, impõe que sua sexualidade seja amparada. Com isso, partimos da justificação de que estamos em um ambiente estruturador de conhecimento e precisamos amparar nossos alunos/as de forma global. Mas, para isso, precisamos estar inteirados do rigor científico que é exigido na prática da docência. Todo profissional, seja qual for sua especialidade, precisa agir com ética e profissionalismo naquilo em que lhe é cabível em sua profissão. Portanto, ao reconhecer que a sexualidade é fruto da ciência biológica e da construção social, devemos fornecer um âmbito instrutivo nesta construção social, de forma que contribua para a formação deste ser. O mérito da escola, apesar de não estar relacionado exclusivamente ao conteúdo pedagógico que informa, apresenta-se mais adiante das demais instruções que não estão escritas nas propostas pedagógicas, por isso, é que é chamada a atenção para que seja assistida a sexualidade desse ser iniciante.

Feita a leitura sobre os conceitos e uma abertura aos professores para comentar sobre o que foi explicitado, não houve manifestação em referência aos conceitos. Acredita-se, que eles/as ainda não digeriram bem a temática. Parecem não se sentirem confortáveis para abrir uma discussão como essa.



SEGUNDO ENCONTRO COM OS PROFESSORES - LEITURA E DISCUSSÃO – TEXTO ORIENTAÇÃO SEXUAL

Aqui, mais uma vez, estamos iniciando mais um momento de estudo no campo de pesquisa. Este instante é algo quase que indescritível, podermos estar juntos aos protagonistas desse trabalho é algo que vem para tirar o fôlego e nos deixa com mãos e pés gelados. Reservamos, para este momento, uma análise sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998).

Acreditamos que a abordagem da questão da sexualidade dentro da escola pode promover a saúde física e mental dos indivíduos, pois as discussões sobre valores, atitudes e conceitos que envolvem a temática “sexualidade” podem promover o desenvolvimento integral do ser, pois as informações corretas, associadas ao trabalho a que se referem as considerações sobre a própria sexualidade, levam os sujeitos a terem consciência e responsabilidade de si e do outro. Para dar sequência em nosso encontro, fizemos a leitura de projeções de slides.

Assim, observemos os textos trazidos para que fosse feito a leitura e análise deles com enfoque na parte relativa à orientação sexual.

Analisemos:

CONCEPÇÃO DO TEMA

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de

características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo.

Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural (BRASIL, 1998, p. 117).

SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer.

Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas constituirão o acervo psíquico do indivíduo, serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de

desenvolvimento global dos seres humanos. A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a

cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo e aos jogos sexuais com outras crianças.

As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica. Nessa exploração do próprio

corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com

todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança. As formulações conceituais sobre sexualidade

infantil datam do começo deste século e ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores. Para alguns, as crianças são seres “puros” e “inocentes” que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência de adultos. Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens. Em relação à puberdade, as mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes, provocam estados de excitação incontroláveis, ocorre intensificação da atividade masturbatória e instala-se a função genital. É a fase das descobertas e experimentações em relação à atração e às fantasias sexuais. A experimentação dos vínculos tem relação com a rapidez e a intensidade da formação e da separação de pares amorosos entre os adolescentes. É uma questão bastante atual e presente no cotidiano de todos os profissionais da educação a postura a ser adotada, dentro das escolas, em face das manifestações da sexualidade dos alunos. Daí a presente proposta de trabalho, que legitima o papel e delimita a atuação do educador neste campo (BRASIL, 1997, p. 82-83).

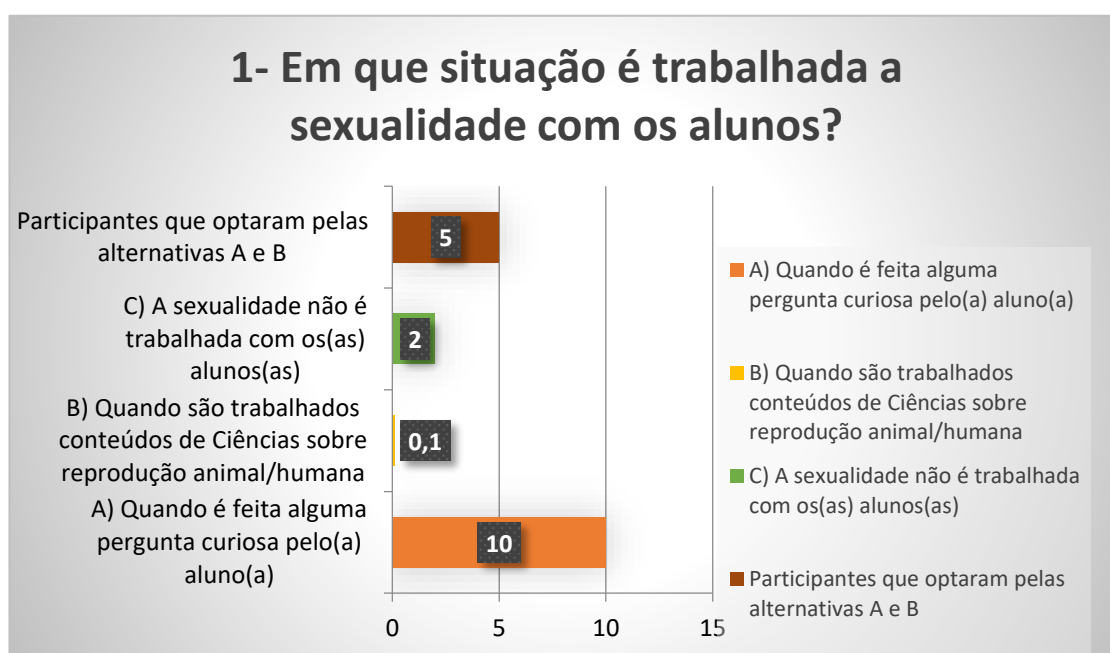
Após a leitura, analisamos algumas situações que podem ocorrer em nosso dia a dia em sala de aula:



- Em que situação é trabalhada a sexualidade com os alunos?
- Os alunos são preparados para desenvolver a sexualidade de forma consciente?
- São promovidas atividades que auxiliem os alunos a conhecerem seu próprio corpo?
- A sexualidade trabalhada de forma consciente favorece ou não a emancipação na vida dos participantes?
- O que vocês professores/as observam nos/as alunos/as, diariamente, por meio de gestos, palavras e desenhos que fazem referência à sexualidade?
- Como, na condição de educadores, tratam tais manifestações?

O material utilizado, para trazer essa análise sobre a temática sexualidade, foi aporte teórico de nosso encontro com o corpo docente. Com base nestes textos é que foram pensadas e analisadas as questões elencadas logo acima; dessa forma os/as professores/as analisaram e problematizaram as questões. Antes de serem contempladas as falas dos participantes, podemos visualizar o gráfico referente a algumas perguntas elencadas em que apresentamos o resultado das respostas fornecidas pelos/as professores/as por meio de um questionário.

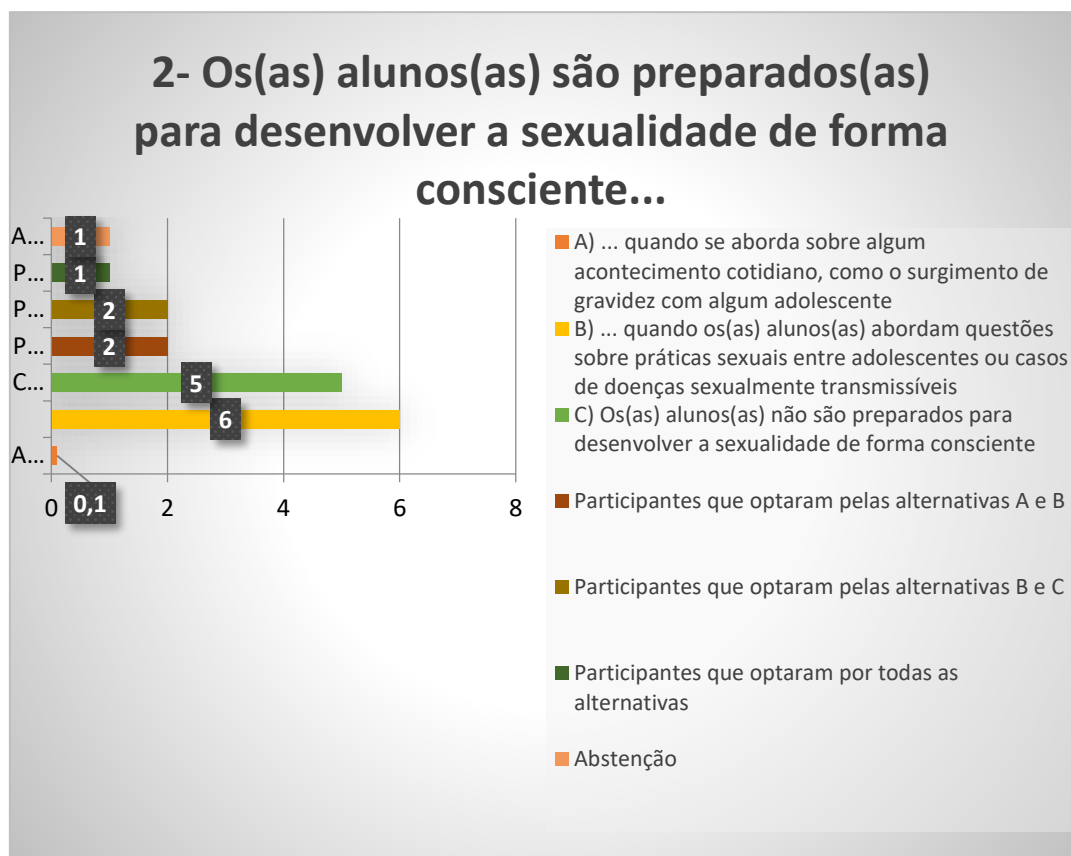
Quadro 1 -O momento em que é abordado o tema da sexualidade com os alunos



Inúmeras foram as argumentações exteriorizadas a cada pergunta feita aos/as professores/as. Neste momento apresentaremos suas concepções, inquietações e até mesmo o silêncio por alguns participantes diante do que fora discutido. Comprovamos que qualquer assunto que venha com a abordagem temática sexualidade só é trabalhada com os/as alunos/as mediante questionamento deles/as. Fica evidenciado que os/as professores/as não proporcionam abertura para que seja levantada uma discussão com o tema indicativo por parte dos/as alunos/as. Grande parte dos docentes preferem o silêncio outra parcela só faz menção à temática quando são obrigados por meio dos conteúdos propostos nos livros didáticos, e se esse assunto é abordado dentro do plano anual, de

forma que eles/as não podem recusar-se em trabalhar. Diante dessa comprovação, eles/as não têm outra alternativa a não ser o cumprimento da incumbência do plano anual.

Quadro 2 - Respostas dadas pelos professores



Fonte: pesquisa da autora.

Quando perguntamos aos/as professores/as se os/as alunos/as são preparados/as para desenvolver a sexualidade de forma consciente eles/as respondem que são, mas é perceptível certa contradição, pois as respostas fornecidas pela primeira pergunta tornam negativa a segunda resposta. Uma grande parcela dos/as professores/as foi incisiva em dizer que é promovida atividade que auxilie os/as alunos/as a conhecerem seus próprios corpos, visto que os/as professores/as concordam que trabalhar a sexualidade de forma consciente favorece os indivíduos à emancipação. Mas quando perguntamos o que seria essa emancipação, paira um silêncio, nesse momento o melhor é não pressionar por uma resposta.

Contudo, interpelamos os/as participantes sobre o que mais veem no dia a dia sendo manifestado pelos/as alunos/as que fazem menção à sexualidade, eles/as apontam que os/as alunos/as pronunciam palavras que insinuam as genitálias e fazem desenhos

que conotam a prática sexual. Pensar na condição de professor como alguém que se vê envolvido nessas questões é algo que requer uma reflexão, pois vimos que o diálogo é indispensável nessa questão.

Poderíamos elencar aqui uma infinidade de perguntas sobre como é vista e tratada a sexualidade dentro da sala de aula, porém, queremos neste momento apenas convidá-lo/a a refletir sobre essas perguntas básicas que são esquecidas, às vezes pelo trabalho fatigante do exercício do magistério, mas que são importantes na trajetória enquanto profissionais qualificados para o exercício da profissão.

Esperamos que o profissional, enquanto professor pedagogo (regente) que ministra todas as disciplinas dentro da sala de aula, seja um facilitador colaborativo e criativo no ato de conectar uma disciplina à outra e explorando suas riquezas na construção de conhecimento. Contudo, por que pensar ou não pensar na sexualidade e afetividade dentro da rotina de sala de aula? Ou será que um tema de relevância como esse só será abordado de forma superficial? Ou apenas nas aulas de ciências? A sexualidade tem uma raiz histórica profunda que merece atenção na história da humanidade. Permitir a contextualização de uma temática como essa dentro das aulas de Geografia seria promissor e significativo para os/as alunos/as pensarem sobre as diferentes culturas existentes no mundo, com suas divergências de pensamentos e costumes elaborados por cada uma delas.

Refletir sobre o papel da mulher e do homem no mercado de trabalho, desmistificar o papel da mulher que foi criado pela sociedade patriarcal e machista, tudo isso pode ser contemplado nas aulas tanto de História quanto de Geografia. Assim, também podemos contabilizar na disciplina de Matemática o número de mulheres na fase da adolescência grávidas, casos de doenças relacionadas à prática sexual como as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Podemos propor a elaboração histórias em quadrinhos ou de frases em Língua Portuguesa. Várias hipóteses poderiam aqui ser levantadas sobre os meios de trabalhar a sexualidade dentro da sala de aula, uma vez que, sabemos que professores educadores possuem uma gama de criatividade na elaboração de suas aulas para que as tornem atrativas e informativas em seu contexto, assim convidamos a pensar sobre a sexualidade de forma geral, não de forma isolada ou esquecida no campo das interdições.

O que podemos externar, após uma análise e observação de uma aula que traz uma abordagem referente ao gênero sexual, é que o assunto é tratado e repassado de acordo

com a cultura, com o meio em que vive, definindo os papéis de cada um. Notemos que existe uma expectativa em relação à conduta e aos modos das pessoas de determinado sexo, o qual intitulamos de papel sexual. É perceptível em nossa cultura que vários fatores são estilizados, um deles é a cor que fica “determinada” pela sociedade como pertencente ao homem ou à mulher.

No ano de 2019, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos fez uma abordagem incisiva em especificar as cores para determinado gênero, dizendo que a cor azul é para os meninos e a cor rosa para as meninas, o que gerou um desconforto no país. Em meses posteriores, a mesma ministra argumentou que seria viável trabalhar com os jovens sobre a abstinência sexual. Na atual conjuntura, os papéis sociais têm ganhado novas redefinições, visto que mulheres têm exercido profissões que eram voltadas mais para o público masculino, enquanto os homens também vêm se inserindo no mercado que era ocupado somente por mulheres.

Mas o que queremos esboçar é como esse tipo de ideia ainda se encontra arraigada dentro da sociedade, pois vimos esses estereótipos presentes na cabeça de uma grande parcela de crianças em nossa sociedade, deixando claro que esses costumes as acompanharão ao longo de suas fases da vida e, provavelmente, outras gerações vindouras ainda estarão presas a essas mesmas ideias.

Na infância, é dito que bola e carrinho são para os meninos, podendo ser até encorajada a competição e a brutalidade. Já as meninas são estimuladas a brincar de casinhas, bonecas, brincadeiras que tendem a estimular o papel da mulher, como doméstica, dona de casa, mãe cuidadora e protetora do lar. Mas o que pensam algumas crianças a respeito de seus papéis em nossa sociedade? Para que pudessemos ter uma resposta à pergunta como essa, foram exibidos vídeos que pudessem provocar nos participantes da pesquisa (alunos/as) a reflexão sobre seu papel estipulado tanto em casa quanto na escola.

TERCEIRO ENCONTRO COM OS PROFESSORES - RELATOS SOBRE O VÍDEO “MINHA VIDA DE JOÃO” E “ERA UMA VEZ OUTRA MARIA”

A sugestão da proposta de trabalho para este encontro com os/as professores/as vem com uma forma de entretenimento, sem perder a seriedade e fidedignidade de uma pesquisa, algo que fosse descontraído para este momento de reflexão e análise dos vídeos “Minha Vida de João” e “Era uma vez outra Maria”.



Figura 1 - Imagens retiradas dos vídeos " Minha vida de João" e "Era uma vez outra Maria".

Mediante a exposição, informamos ao grupo de professores/as que seria analisada somente a parte I desses vídeos. Dissemos aos professores que as considerações expostas por eles/as após a apreciação seriam indispensáveis para que pudéssemos abrir um

diálogo na propositura trazida pelos vídeos. Ao finalizar os conteúdos dos vídeos, abrimos uma roda de conversa perguntando a eles/as o que entenderam e o que gostariam de dizer sobre os vídeos. Visto que estavam acanhados em participar, colocamo-nos a frente abordando sobre os papéis sociais que foram externalizados em cada vídeo. O vídeo “Minha Vida de João” tem como personagens João, seu pai, sua mãe e um lápis.

Neste vídeo, é exposto a vivência de um garoto com sua mãe e seu pai e existe um lápis crendo ser representado como a sociedade que vai dando formato na criação e personalidade de João. Percebe-se que há conflitos internos dentro de casa de João. É nítido ver que a mãe tem a responsabilidade de cuidar da criança e de todos os afazeres domésticos, enquanto o pai tem suas responsabilidades externas ao lar em trabalhar e manter o sustento da casa, não participando muito dos cuidados para com o filho. João presencia brigas dos pais sempre que este chega embriagado em casa. Fica evidenciado também que esta criança do gênero masculino é cobrada a ter uma postura e atitudes tidas como masculinas, não podendo usar os sapatos ou os batons da mãe e nem brincar de bonecas. O vídeo nos leva a uma série de perguntas sobre a formação do homem na

sociedade. No universo masculino, vários comportamentos são de perfil machista, perpetuando-se de geração em geração.

A primeira intervenção clara que João tem é a do lápis – pensamos que nesse momento seja a sociedade, ditando seu papel social. O personagem João sofre a todo momento interferência em suas brincadeiras, pois o lápis, representando a sociedade, impõe a ele o modo de agir e desenvolver práticas de brincadeiras conforme seu gênero (masculino), ou seja, aquilo que é esperado pela sociedade dos homens. A cada ato de curiosidade de João, mediante a reprodução de tudo que sua mãe faz, como calçar uma sandália de saltos, usar batons ou quando tromba com seu amigo e os dois caem no chão, um por cima do outro, o lápis está lá para impor que aquilo não pode acontecer. O lápis desenha uma menina por baixo de João, seu brinquedo deve ser a bola, a arma, pedras para jogar nos animais, isso é o que se espera de um menino. Observemos o que diz Louro (2000, p. 58) nas questões de gênero pela instituição escolar.

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO, 2000, p. 58).

No vídeo “Era uma vez outra Maria”, a personagem Maria (criança) tem sua mãe e seu pai e o contexto é bem próximo do que foi revelado no vídeo de João, mostrando como é trabalhado o gênero feminino. O vídeo deixa bem claro quais são os deveres da mulher nas atividades domésticas, o modo como deve se portar em todas as ocasiões, como o modo de se sentar, as brincadeiras femininas, os cuidados com a beleza e seu papel na maternidade. O vídeo revela as diferenças na educação (condutas) para meninos e meninas. Os meninos podem correr, brincar, sentarem-se de qualquer jeito, até no momento de fazer um registro por meio de uma câmera. Enquanto Maria é reprimida quando esta demonstra suas vontades. Nestes vídeos, ficaram explícitas as imposições que são colocadas para ambos o sexo, dizendo o que se espera de cada indivíduo com suas normas, regras e condutas.

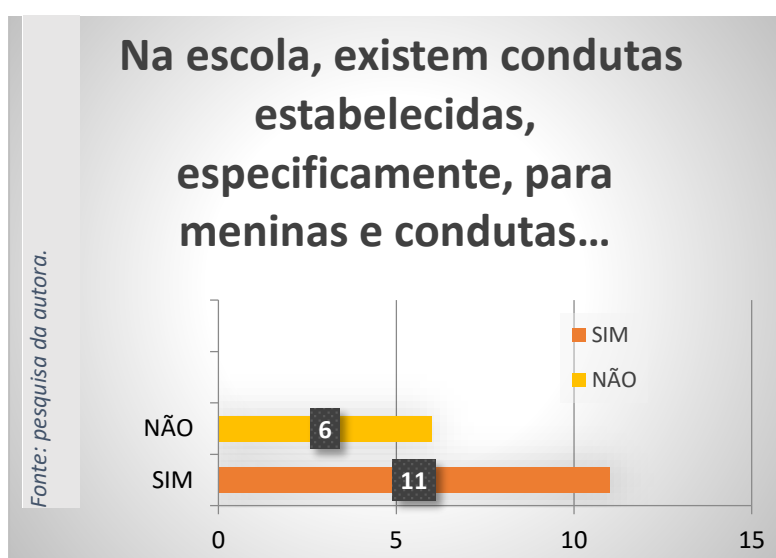
O contexto trazido pelos vídeos “Minha vida de João” e “Era uma vez outra Maria” obedece a esta trama que explicitamos logo acima. Compreendendo sobre a textura do enredo, foram abordadas as seguintes perguntas aos/às professores/as.

- O que é considerado padrão para a sociedade, quando se trata da sexualidade?
- Como é considerado e tratado o que foge dos padrões estabelecidos, fora e dentro da escola?
- Na escola, existem condutas estabelecidas especificamente para meninas e condutas especificamente para meninos?
- Como os educadores têm se posicionado diante das manifestações da sexualidade na escola?
- A Proposta Político-Pedagógica (PPP) da instituição contempla o estudo da temática, conforme previsto nos documentos oficiais para a educação nacional?
- A seleção de recursos e materiais didático-pedagógicos na escola costuma ser influenciada pelos valores culturais da nossa sociedade em relação à sexualidade?



Assim que foram feitas as perguntas, ficamos na expectativa de que o diálogo que iria ocorrer diante do que foi analisado por meio dos vídeos. Alguns professores demonstraram risos, gestos no momento do vídeo, mas infelizmente se mostraram

Quadro 3 - Regras de condutas para meninos e meninas dentro da escola



apáticos nesse instante, não participaram dando suas contribuições, preferiram o silêncio, sendo este respeitado e visto como uma forma de participação. Observemos o que diz esse gráfico elaborado após um questionário ter sido respondido pelos/as professores/as.

Este gráfico representa a sétima pergunta feita e respondida por meio do questionário pelos participantes da pesquisa. Não queremos aqui confrontar o silêncio do encontro, momento este de corpo a corpo, onde todos puderam se olhar e perceber com a resposta dada em sua privacidade na hora de responder ao questionário, pois ao vivo temos a quietude o sigilo enquanto o gráfico pode nos revelar outra resposta em que podemos analisá-la e entendê-la.

Ainda nesse encontro, pensamos em outro vídeo que tínhamos trazido, que talvez poderia ser mais atrativo e que poderíamos obter algum resultado nesse encontro, foi aí que trabalhamos o vídeo que instrui as crianças sobre o abuso sexual.

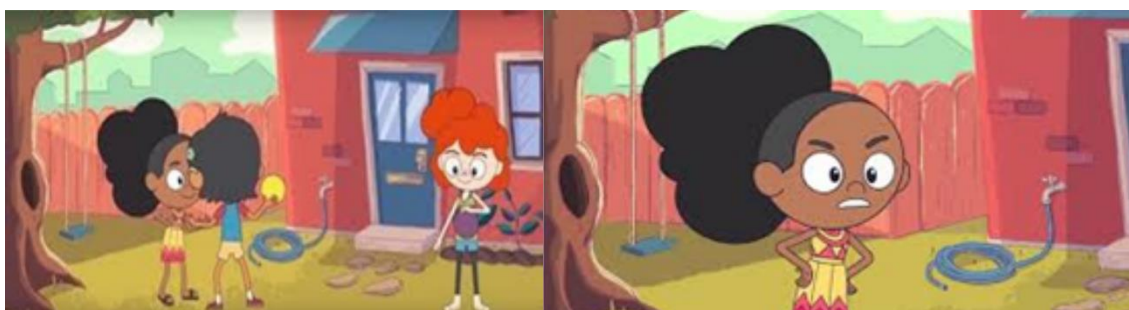
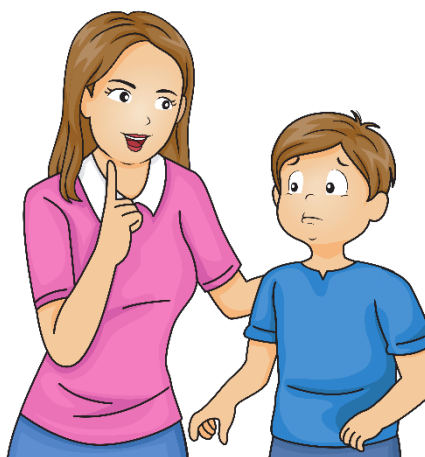


Figura 2 - Imagem do desenho Defenda-se. Fonte: <https://bit.ly/2BESkja>

De acordo com os realizadores da campanha “defenda-se”, o vídeo fornece uma reflexão juntamente com as crianças para que elas aprendam a definir limites no convívio com outras crianças e com adultos. A criança, se trabalhada desde cedo, tem a capacidade de diferenciar toques fraternais com os toques que configuram abuso. Comprendemos que o intuito desse vídeo é trabalhar com temas como o conhecimento do corpo, questões culturais e de gênero, incentivando a prevenção.

Dessa forma concluímos que elas aprendem a comunicar aos pais e responsáveis e a denunciar esse tipo de desrespeito.

Após a apreciação do vídeo, uma professora se manifestou trazendo um relato ocorrido dentro de sua própria casa.



A professora Gomide relata que sua neta foi passar um período de tempo com ela. Entendendo que teria que dar banho e cuidar da higiene de sua neta, convidou-a para ir tomar um banho. A surpresa para a professora veio logo em seguida – quando ela foi lavar as genitálias de sua neta e, sem hesitar, a criança disse que ela não poderia tocar nela. A professora perguntou à neta o porquê. Ela disse que só o papai e mamãe poderiam lavá-la. A professora achou interessante a criança ser instruída pelo pai e pela mãe em se proteger. O mais interessante é saber que a criança só permitiu que a avó a lavasse depois da permissão dos pais.

A professora Paula revela que no CEMEI onde ela trabalha, eles/as acharam estranho o que uma criança de cinco anos disse a elas. A criança revelou que seu pai só ficava cheirando sua vagina. Estranho porque isso incomodava a criança a ponto de ela falar para as professoras.

QUARTO ENCONTRO COM OS PROFESSORES

Para este encontro trouxemos como proposição de análise para nossa reflexão, imagens de programas televisivos de vários formatos, para que os participantes externassem seus pareceres sobre cada imagem de acordo com a essência de cada programa, abordando sobre seu papel diante da sociedade. O veículo de comunicação de massa que ganhou mais aplicação para esta análise foi a televisão, ainda que a música e jogos também tiveram seu espaço. Evidencia-se que esses veículos têm papel relevante na indicação dos hábitos, sendo a televisão nosso objeto de estudo, encontramos nela uma interação virtual.



É perceptível a influência que a mídia vem exercendo na construção de uma nova identidade infantil. Essa nova identidade pode ser vista nos comportamentos das crianças logo na primeira infância, com meninas de quatro e cinco anos usando esmaltes, batons, roupas idênticas às dos adultos e com um discurso de gente grande. Isso pode ser visto pelos comportamentos que os próprios pais e responsáveis

reforçam nos infantes. Tudo isso pode ser contemplado nos vídeos em que mães fazem de suas próprias filhas, despertando-as para um dia cheio de compromissos voltados para a área da beleza e afazeres do mundo adulto. Contudo, as mães não consideram as questões subjetivas, colocando de modo direto nas crianças conceitos diversificados do mundo adulto. Nessa perspectiva de adultização dos menores, será que são levantados questionamentos se estas crianças estão prontas para entrar neste mundo midiático e receberem estas informações?

As expressões da sexualidade infantil encontram-se reduzidas a perguntas que as crianças elaboram sobre seu ponto de vista, como de onde saem os bebês, as diferenças entre meninos e meninas etc. É perceptível que qualquer demonstração relacionada ao

contato da criança com seu próprio corpo é logo reprimida ou desconsiderada. Pais/mães/responsáveis optam pelo silenciamento sobre o assunto, seja com outro adulto ou com a criança.

Natural seria que estes comportamentos fossem observados pelos/as pais/mães/responsáveis. Uma vez que os fatores que envolvem a sexualidade são pensados a partir da existência da curiosidade das crianças alusiva a questões sexuais, bom seria que estes assuntos fossem abordados pelos/as pais/mães/responsáveis com naturalidade, restringindo-se a responder às dúvidas dos/as filhos/as de maneira objetiva, limitando-se a dar informações que a criança esteja preparada para receber.

A relevância de que esses assuntos sejam abordados pelos/as pais/mães/responsáveis leva-nos a crer que a criança criaria, a partir das respostas, suas próprias ideias. Assim, a criança não ficaria exposta a estas questões através dos conteúdos midiáticos (TV, internet, celular, jogos eletrônicos, entre outros). Pesquisas indicam que as mídias são as principais influências no desenvolvimento de uma sexualidade prematura, visto que a televisão transmite mensagens sexuais e bombardeia as crianças com imagens ou mensagens subliminares. Defensores da TV reiteram que ela popularizou as informações e o lazer, revolucionou na maneira de pensar dos indivíduos, enfim, despertou uma nova infância que se nutre substancialmente do entretenimento digitalizado. Contudo, não se pode negar os fortes fomentos da TV à padronização de comportamentos e à agressividade e consumismo. A curiosidade é comum na infância e, não importa em que tempo ou espaço que esteja, a sexualidade é um ingrediente excitante, como também a violência. Diante desse bombardeio de informações por meio de variados dispositivos eletrônicos utilizado pela mídia, estudiosos têm buscado auxiliar os/as pais/mães/responsáveis sobre o que permitir e não permitir os/as filhos/as assistam na mídia. A apelação ao quesito sexual que a mídia traz consigo promove o interesse precoce das crianças sobre o assunto, fazendo com que a sexualidade seja percebida pelo lado erótico, sensual e excitante, não considerando a construção das emoções, das relações sociais e do desenvolvimento da afetividade.

É notório que o desenvolvimento e a criação de uma identidade sofrem influência dos meios de comunicação, visto que os indivíduos são influenciados em suas maneiras de se vestir e comportar-se, demonstrando reflexos daquilo que faz parte de sua vivência. Nessa perspectiva, enfatizamos a importância da participação dos pais na educação dos filhos/as. Os/As pais/mães/responsáveis devem observar os conteúdos que seus/suas

Segundo os/as professores/as, este é um dos programas que mais envolve a sociedade brasileira. Pessoas que pagam pelos canais fechados ficam de prontidão, observando tudo o que acontece na casa, principalmente os adolescentes são muito influenciados. De acordo a professora Maria João, os integrantes do programa tinham e ainda têm muito cuidado com a violência física e verbal, mas a sexualidade de forma erotizada só foi mais velada nas primeiras edições, hoje não se tem tanto cuidado. Para a professora Gomide, os diretores do programa perceberam que quanto mais essa sensualidade e a sexualidade ficam à mostra, mais isso conquista e atrai o público fazendo com que tenha audiência. Lorelayne menciona que, “nas primeiras edições, os componentes da casa pareciam ter a mesma faixa etária, mas eles perceberam que, se houvesse integrantes da casa mais diversificados, chamaria mais a atenção do público, por isso começaram a colocar negros, lésbicas, gays, terceira idade. Perceberam também que os casais debaixo dos edredons chamavam mais a atenção, o que foi se tornando normal e os adolescentes veem isso mais normal ainda, mas para mim isso não é normal”. Luíza afirma: “já vi relatos de vários participantes da casa dizendo que, quando eles estavam em grupos separados dentro da casa, os dirigentes abriam os áudios dos grupos para que eles ouvissem o que ambos estavam falando para gerar intrigas entre eles e isso dá audiência. Quanto à questão de ter negros, idosos, gays, é pelo fato de as pessoas se identificarem e assistirem”.



Leonardo disse que esse programa é bom. Já a professora Paula disse que a melhor parte é o DNA. Anita Garibaldi pergunta assustada se é verdade que eles assistem.

Fonte: Google Images

Essa imagem não foi muito atrativa, mas disseram que, de forma geral, as novelas produzem muita influência.



Fonte: Google Images



Fonte: Google Images

Meiry disse que já assistiu e que gosta do programa. A maioria dos professores comentou sobre alguma programação a que já assistiu e que gosta do programa, principalmente na hora que entra a sexóloga e as pessoas fazem perguntas, dizendo a ela que alguém pediu para perguntar.

Luíza afirmou que “essa novela me faz lembrar de minha infância, antigamente parece que não via tanto termos pejorativos como tem hoje”.



Fonte: Google Images



Fonte: Google Images

Helena disse que a série é muito boa, Lúcyfer tem muitas mulheres, é muito sensual, tem muitas cenas de sexo na série. É muito atraente e exerce muita influência nos adultos, mais ainda nas crianças e adolescentes. Os adolescentes devem se sentir muitos sedutores, pois a série instiga isso.

A maioria dos professores não conhecia essa série, outros afirmaram que começaram a assistir, mas desistiram, por isso não sabiam dizer nada a respeito.



Fonte: Google Images



Fonte: Google Images

Esse programa é muito engraçado. Helena comentou que “todas as vezes que assisti a esse programa, ela beija as pessoas na boca. Só vi essa mulher séria quando o padre Fábio de Mello foi no programa”. Leonardo completou dizendo que “ela copiou isso da Hebe Camargo”.

“Essa mulher exerce muita influência nas crianças e jovens. Ela é ridícula”. Opinião de todos/as os/as professores/as.



Fonte: Google Images



Fonte: Google Images

Ninguém assistiu a essa série. Leonardo afirmou que “tem uma imagem de uma família normal aí?”

Leonardo disse que “esse jogo é um dos mais vendidos e jogados. Nesse jogo, você pode ser um criminoso, você pode fazer o que quiser. ”



Fonte: Google Images

Esse foi nosso último encontro e nele foi possível agradecer aos/às companheiros/as de trabalho pelo tempo dedicado nesses estudos imprescindíveis para nós. Como proposta de trabalho para este encontro, propusemos que respondessem a um questionário com onze perguntas objetivas sobre tudo que tínhamos discutido durante nossos encontros.

PRIMEIRO ENCONTRO COM OS ALUNOS/AS – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Em nosso primeiro encontro, os/as alunos/as estavam mais apreensivos do que as pesquisadoras, pois queriam saber que tipo de pesquisa estava sendo feita e o que eles/as teriam que fazer para serem participantes ativos. Assim apresentamos para eles/as informações sobre como esse trabalho se delinearía, qual era seu objetivo e qual seria seu objeto concreto na formalização desses encontros. Falar com os/as alunos/as sobre essa temática não foi tão simples. Mesmo já tendo conseguido com seus responsáveis a permissão para que eles/as fizessem parte dessa pesquisa, o trabalho requereria planejamentos, cuidado e cautela no momento de fazer essa abordagem, para não correr o risco de sermos mal-interpretadas ou surgirem discussões dentro das casas dos/as alunos/as por possíveis comentários feitos por eles/as em suas casas, em uma conversa mal-informada. Assim, ao prosseguirmos com a sequência sobre os caminhos que percorreria a pesquisa, interpelaram-nos: que pesquisa seria essa? Demos como resposta o título da pesquisa: “A sexualidade como tema tabu e os desafios do trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Sabemos que não foi a melhor resposta neste momento, mas dissemos que já explicaríamos melhor para que todos/as entendessem.

Assim, fizemos a leitura de alguns conceitos de sexualidade escritos por alguns autores para que pudéssemos conversar melhor com os/as alunos/as.

A sexualidade supõe mais do que corpos, nela estão envolvidas fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres. (LOURO, 2000, p.209).

Uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, e por isso influencia também a nossa Saúde física e mental (OMS, 2001).

Neste momento, houve muitos olhares meios acanhados, alguns misturados a risos e outros bem sérios, como de entendedores do assunto.

Começamos a explicar que a sexualidade é baseada e experimentada primeiramente nas ideias, nas imaginações, nas fantasias, nos desejos, no ponto de vista, nas condutas, nos comportamentos, nos valores e nos convívios. A palavra

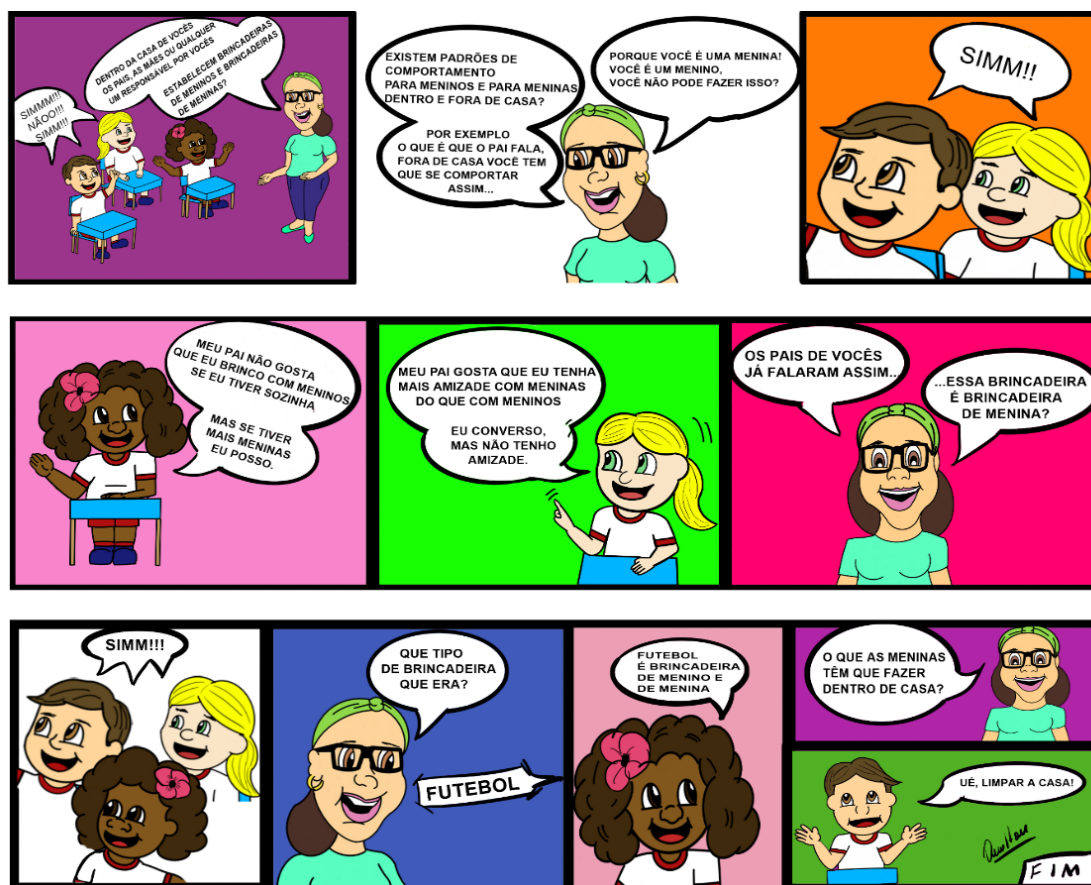


sexualidade em si, na maioria das vezes, é compreendida pelas pessoas como ato sexual, mas essa é uma grande confusão que as pessoas fazem com esse termo. Apesar de a sexualidade poder conter todas estas potencialidades, elas nem sempre são experimentadas ou expressadas pelos indivíduos. Complementamos dizendo que a sexualidade é influenciada pela relação de fatores biológicos, psicológicos, econômicos, sociais, culturais, políticos, históricos e religiosos, de acordo com a região, país, continente em que as pessoas vivem.

Finalizando esse momento, demos sequência na parte burocrática, ou seja, foi feita a leitura dos termos de assentimento com eles/as e pedimos a eles/as que preenchessem o termo do/a aluno/a e dessem cognomes para si. Acharam o máximo saber que iriam participar, mas que não seriam identificados pelos seus próprios nomes, percebemos uma maior segurança e confiança externadas por eles/as. Logo após este momento, demos início ao trabalho ao qual nos propusemos para este encontro, que foi a análise dos vídeos, já citados, “Minha vida de João” e “Era uma vez outra Maria”. Explicamos também que estes vídeos eram compostos por vários vídeos, mas que iríamos trabalhar somente a parte I. No momento em que os/as alunos/as estavam assistindo aos vídeos, demonstraram interesse pelo que estava sendo retratado neles, às vezes queriam falar, tecer algum comentário no momento da apreciação. Por alguns momentos, paramos os vídeos e deixamos que eles/as se externassem, mas pedimos a eles/as que fizessem anotações sobre o que gostariam de comentar e, logo que terminasse o vídeo, poderiam falar o que tinha sido pensado por eles/as. Assim, logo que se encerraram os vídeos, provocamos, por meio de uma roda de conversa, os seguintes questionamentos:

- Dentro de sua casa, seus responsáveis (pais, mães ou outros) estabelecem critérios de brincadeiras para meninos e meninas?
- Existem padrões de comportamento para meninos e padrões de comportamento para meninas, dentro e fora de casa? Meninas podem brincar com meninos? Meninos podem brincar com meninas? Existem brincadeiras específicas para meninas? Existem brincadeiras específicas para meninos?

Na sequência, instigamos a falar ou escrever ou até mesmo desenhar o que compreenderam dos vídeos, por meio de suas vivências, aquilo que poderia ser comparado com a realidade deles/as. Percebemos nesse momento que não é muito apreciado por parte dos/as alunos/as o ato de escrever, preferiram falar sobre o assunto, argumentando que era melhor falar do que escrever e desenhar. Dessa forma, o que foi relatado por eles/as verbalmente foi transcrito, na íntegra, em diálogo nesta tirinha.



SEGUNDO ENCONTRO COM OS ALUNOS/AS – PROGRAMAS TELEVISIVOS

Para este encontro pensamos em uma abordagem referente aos programas televisivos, analisar o que toma certo tempo das crianças tem sido objeto de estudo. Para isto foram projetadas imagens para os/as alunos/as e à medida que cada imagem era projetada, indagávamos sobre o que mais lhes interessava nas imagens, se eles/as conheciam e o que sabiam dizer a respeito delas. Dissemos também que se não houvesse ali nada do que eles gostassem de assistir ou algo que eles gastavam a maior parte de seu tempo poderiam que nós ouviríamos e acrescentaríamos na lista de projeções. Assim, demos início às projeções.



Ao observarmos esta imagem, conversamos com os/as alunos/as sobre os diversos objetos que estavam em volta do menino, analisamos os mais diversos dispositivos que podem auxiliar nas funções informativas.



Fonte: Google Images

Os/As alunos/as, de forma geral, não gostam dessa novela, porque a protagonista é muito feia.



Fonte: Google Images



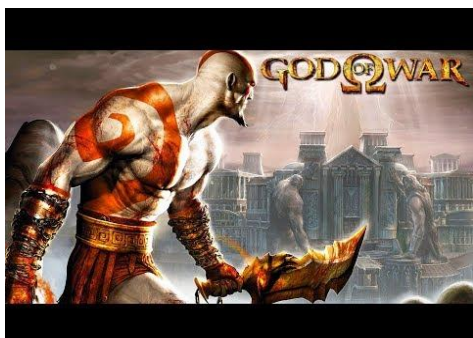
Fonte: Google Images

Todos conhecem o programa, disseram que as pessoas vão para o programa para resolver problemas de família. Mas tem uns que pioram. Lá mostra muita traição.

“Esse programa é bom, tem muitas brincadeiras, tem namoro e tem o xaveco”.



Fonte: Google Images



Fonte: Google Images

Esta imagem foi adicionada por sugestão dos alunos/as. Principalmente os meninos, disseram que “a versão mais antiga tem uma sala e nela tem várias mulheres, você pode ir pra cama com duas mulheres”.

Todos conhecem o programa, principalmente na hora que entra a sexóloga e as pessoas fazem perguntas sobre sexo. “O Pablo Vittar já foi nesse programa”.



Fonte: Google Images



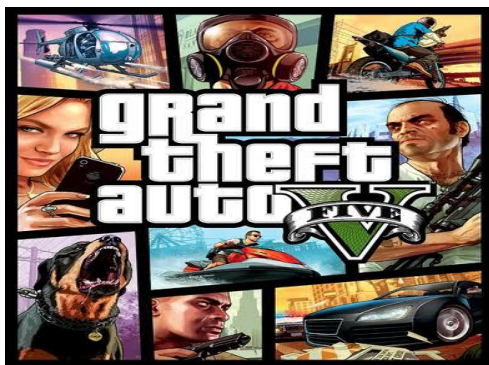
Fonte: Google Images

Todos conhecem, mas não demonstraram tanto interesse. Falaram que tem muita violência.

Todos conhecem esse programa, a maioria assiste quando vai para casa dos avós. Eles gostam do DNA. “No Ratinho, no programa 10 ou 1000, mostra umas pessoas mal-vestidas”.



Fonte: Google Images



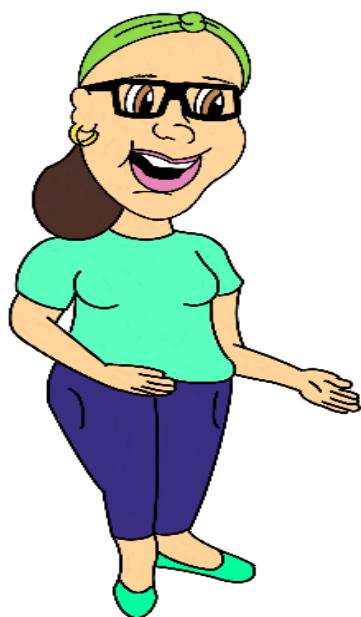
Fonte: Google Images

Essa imagem foi colocada por sugestão dos/das alunos/as, todos conheciam e já tiveram uma experiência em jogar. Uma das meninas demonstrou muita afinidade com o jogo, disse que sempre joga e gosta de ser prostituta nesse jogo, “lá pode fazer sexo on-line”. Garoto revela que o jogo tem muita violência, “tem gente que joga só para fazer sexo, eu gosto de jogar só para matar as pessoas”.

Todos conhecem esse programa, a maioria dos/das alunos/as assiste. “Nesse programa, tem muitas coisas erradas. Nesse programa, mostra as pessoas debaixo dos edredons fazendo coisas, a gente vê só o edredom se mexendo. Nessa casa, tinha um gay. Havia preconceito com esse gay. Lá tem beijo, sexo, namoro. Nesse programa, tem muita briga”.



Fonte: Google Images



André: Lá as pessoas ficam debaixo do cobertor fazendo coisas...

Pesquisadora: Que coisas?

André: Tchaca, tchaca na mutchaca.

João: Quando meu pai tá em casa, ele não deixa eu assistir.

Pesquisadora: Por quê?

João: Lá tem muita coisa errada.

Pesquisadora: Que coisas?

Ludmila: Beijos, namoro e sexo.

Pesquisadora: De certa forma, os pais policiam, por que acreditam que o programa pode exercer influência sobre vocês?

Todos os alunos: Sim.

Pesquisadora: Dos programas que vocês costumam assistir, quais mostram mais coisas sensuais?

Alunos: Globo. (TRANSCRIÇÃO, 2019, s/p).

Observando as falas das crianças, vimos que elas têm um parecer sobre o BBB, programa exibido pela Rede Globo de Televisão, já que alguns alunos deixaram claro que, quando o pai está em casa, este não permite que seja visto esse programa. Enquanto pesquisadoras perguntamos por que os pais não deixam assistir, eles responderam que é por haver muita coisa errada no programa, como beijos, sexo e namoro. O fato de os casais irem para debaixo do edredom é algo que chama a atenção deles. Houve muito bochicho e risos nessa hora pelos/as alunos/as. O aluno André usa até um termo pejorativo para isso, “tchaca, tchaca na mutchaca”.

A professora de psicologia da Universidade Mackenzie, Claudia Stella, chama atenção para este tipo de programa para a criança. “É complicado, principalmente, para a criança”, diz ela (apud PEREIRA JR., 2008, on-line, s/p). Carlos Ramiro de Castro, professor e presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) afirma que este programa não tem nada de educativo e “prejudica a formação da criança” (apud PEREIRA JR., 2008, on-line, s/p). Vimos que existe um certo monitoramento dos pais ao programa, mas o que chama atenção é que, sempre que as crianças podem, elas assistem a ele, sem nenhum sentimento de culpa, pois algo chama a atenção delas no conteúdo da programação. Pensamos que seja pelo fato de ser algo proibido pelos pais, aquilo que se torna ilícito para as crianças incita curiosidade.

Alguns estudiosos referem-se a esse programa como um expositor de conteúdo erótico vivenciado por pessoas que estão numa competição em que os valores morais são esquecidos e tudo que seus participantes pensam e almejam é o prêmio final.



Fonte: Google Images

Game Of Thrones – Sugestão dos/as alunos/as, que disseram que “é uma série muito boa, tem cenas bem quentes”, muitos risos nessa hora.

Todos/as conhecem essa série disseram que é muito boa. “Lúcifer fica com muitas mulheres”.



Fonte: Google Images

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Definir o termo brincadeira pode ser compreendido como uma forma planejada de se expressar brincando. A brincadeira nada mais é que uma ação criada como



entretenimento representado no universo das crianças. Por meio da brincadeira, a criança externa o mundo visto com sua compreensão de delineamentos, cercada por sua singularizada forma de ver o mundo.

Dessa forma, as brincadeiras podem ser solitárias, imaginadas por uma só pessoa, quando esta se encontra separada por outras crianças. Esse ser com sua forma única de criar suas vivências elabora roteiros,

normas, dentro daquele propósito criado. Podemos ver também a interação de várias crianças se organizando em prol de uma brincadeira, organizando-se e trocando conhecimentos sobre o mundo que as rodeia.

As brincadeiras necessitam de uma divisão entre femininas e masculinas? Compreender a brincadeira de modo que esta venha com uma configuração de símbolo do mundo possibilita entender que, de alguma forma, as crianças, ao brincar, encenam a realidade. Partindo desse princípio, fica fácil compreender por que, no decorrer dos anos, as brincadeiras trazem essa divisão de papéis específicos a homens e mulheres, meninos e meninas.

A divisão de papéis sempre esteve marcada na história da humanidade. As mulheres, desde cedo, foram criadas e educadas para a maternidade, para a doçura, para o zelo e para o cuidado. Já os homens, por serem fortes, cheios de vigor, foram criados para dar abrigo e proteção, com sua virilidade e espírito aventureiro. Assim, o ato



de brincar introduziu essa prática extensivamente baseada na secessão dos assuntos de gênero, visto que os brinquedos para as meninas apontam para a continuação das atribuições da responsabilidade com as obrigações domésticas e a educação dos filhos, enquanto os brinquedos produzidos para meninos visam incentivar a resolução de problemas e o uso da força física.

Vimos que, para os pais, discriminar brincadeiras de meninos e meninas é uma forma de orientar essa vinculação que os/as filhos/as estão estabelecendo com o mundo. Mas como seria ver essa vinculação de momento único por meio das brincadeiras pelos olhos da criança? Foi notório ver que, para as crianças, essa separação, muitas vezes, não faz sentido. Pelo contrário, ouvimos relatos sobre discriminação por parte dos adultos nos casos em que as crianças violam as regras socialmente impostas. Por exemplo, quando um garoto gosta de brincar somente com as garotas, ele é punido por isso, e as relações dele com o masculino podem ficar comprometidas. O mesmo ocorre quando alguma garota se interessa por futebol ou artes marciais, ela pode ser alvo de críticas.

Brincadeira de Menino e de Menina



RESPEITANDO AS DIFERENÇAS

A descrição que se segue se originou de uma observação na sala de aula. A professora regente inicia a aula chamando a atenção dos/as alunos/as para a aula que seria ministrada. Ela escreve o tema da aula no quadro “Diferença entre meninos e meninas”, convidando os/as alunos/as a dizerem quais são as diferenças entre os gêneros, estimulando-os a refletir sobre os papéis desenvolvidos por ambos. Após o convite da professora, temos os seguintes resultados.

- Menino não usa maquiagem!
- Meninos são agitados!
- Menino não brinca de boneca!
- Menino não usa salto alto!
- Menino brinca de luta!



- Nem todos os meninos têm cabelos curtos!
- Meninas são sensíveis!
- Menino não usa batom!
- Menino não usa sutiã!
- Menina brinca de boneca!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compor essas considerações é uma das partes dos momentos difíceis nessa trajetória tão singular na busca de conhecimentos. Admitimos que, no começo dessa jornada, foram muitas dificuldades encontradas e que exigiam muita persistência para superá-las. Confessamos que havia o sonho de fazer um mestrado e, quando essa oportunidade foi dada nos primeiros dias, quase não conseguíamos dormir por achar que era um sonho.

A proposta de realizar essa pesquisa sobre a temática sexualidade, era algo que foi pensado há tempos e tínhamos em mente que não seria algo tão fácil de ser realizado pela atual conjuntura política em que estamos vivendo, pois qualquer um/a que se propusesse a pesquisar sobre esse tema teria que ser bem flexível e isso exigia por parte do/a pesquisador/a plasticidade nos momentos de discussões para que se fizesse ouvir e ser ouvida nesse processo de estudo, mas não deixaria de ser uma jornada impressionante. Vivenciar momentos, na sala de aula, e nos encontros programados com os/as participantes da pesquisa ouvindo (e sendo ouvida) foi algo inédito para nós.

Assim concluímos que, mediante análise e discussão nos encontros e observações realizadas com professores/as e alunos/as de uma escola da rede municipal de ensino de Aparecida de Goiânia, a qual trabalha com a educação infantil de primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, lócus da presente pesquisa, foram discutidas algumas questões a partir das seguintes categorias: relatos de experiências com a sexualidade na escola; conceito de sexualidade; estudos dos PCN; análise de vídeos e influência midiática.

Os/as professores participantes da pesquisa possuíam experiência em mais de uma turma, já haviam trabalhado com séries/anos diferentes. Foi possível perceber que a maioria dos/as professores tenta trabalhar a sexualidade por meio da conversa, respondendo às perguntas de forma limitada com a criança. Os profissionais são temerosos sobre a temática por acreditar que essa é uma discussão polêmica no contexto social.

Louro (2000, p. 64) diz que “a preocupação com a sexualidade tem estado no centro das preocupações ocidentais desde antes do surgimento do Cristianismo”. Falar de sexualidade não é algo novo, mas sabemos que trabalhar com essa temática tem sido um desafio por tratar-se de um tema em que ainda existem muitas resistências para abordá-lo, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os protagonistas desse livro

são alunos/as dos 5º anos A e B e todo corpo docente da Escola Municipal Maria Gomes da Silva, do período matutino do ano de 2019, que tão gentilmente fizeram parte dessa pesquisa.

Foi perceptível ver as manifestações das curiosidades em torno da prática sexual pelos/as alunos/as participantes da pesquisa, baseadas em seus relatos no íterim das atividades propostas, assim também como nos jogos de games que eles/as têm o hábito de jogar, jogos esses que os/as colocam em tempo real executando aquilo que tenham escolhido para fazer, nesse caso o sexo. Podemos ver que tudo isso são curiosidades típicas da idade das crianças, mas que não têm o conhecimento dos pais sobre seus hábitos dentro do próprio lar.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com estudos sobre as questões de sexualidade, de forma a proporcionar a formulação de novos conhecimentos acerca do tema.

A construção desse livro se deu mediante a captação de uma diversidade de vozes, que fomos colhendo ao longo dos encontros, momentos pensados para esse desfecho e em sala de aula. Assim, diante dessas tramas, foram sendo tecidas dia após dia esse material físico que hoje podemos manusear. Sendo assim, só foi possível a construção deste material com a participação dessas nobres pessoas que se dispuseram a fazer parte dele, por isso, podemos dizer que nessas linhas que foram projetadas e articuladas para esse fim, sua materialização foi ganhando vida com a participação imprescindível de cada um/a que aqui estão, carregadas de vivências, sensações e emoções.

“A sexualidade como tema tabu e os desafios do trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental” é fruto dessa trajetória de pesquisa que se deu mediante participação dos/as professores/a e alunos/a deste âmbito educacional que se dispuseram a falar sobre esse tema que ainda traz todo um resquício vergonhoso e imoral nessa tratativa nos dias atuais.

Para este trabalho, temos o registro coletivo dos participantes sem ordenação de vozes constituída, pois todos/a trouxeram suas contribuições e foram acolhidas com responsabilidade a qual é exigida em trabalho científico.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PERRAULT, C. *Pele de asno*. In: **Contos de fadas:** edição comentada e ilustrada. Edição, introdução e notas Maria Tatar; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 213-228.

DEFENDA-Se! (11): SENTIMENTOS. Postado por Grupo Marista no youtube em 14 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0mTpFWuyk6g>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ERA UMA VEZ UMA OUTRA MARIA. Postado no youtube por Rede de Enfrentamento, 6 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos.** 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

LOURO, G. L. *Corpo, Escola e Identidade*. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2 (2000). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833/29119>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LOURO, G. L. *et.al.* **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINHA VIDA DE JOÃO. Postado no youtube por Grupo pela Vida. [Ca. 2010]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C16E6u45p90>. Acesso em: 30 abr. 2019.

PEREIRA JR., A. Especialistas desaconselham 'Big Brother' para crianças. **Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação**. 12 jul. 2020. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/clipping/especialistas-desaconselham-big-brother-para-criancas-219661/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TRANSCRIÇÃO das falas gravadas pela pesquisadora Neide Maria de França Filha durante a realização da presente pesquisa de mestrado, ocorrida entre janeiro e junho de 2019 na Escola Municipal Maria Gomes da Silva, em Aparecida de Goiânia. O material gravado encontra-se de posse da pesquisadora.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual and Reproductive Health**. Defining sexual health. 2020. Disponível em: http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en. Acesso em: 12 maio 2020.